

## NIILISMO, UMA HIPÓTESE ROMÂNTICA\*

Por Victor de Sá

Nesta comunicação não apresento uma tese. Proponho uma hipótese. E mesmo como hipótese, é mais uma sugestão, uma curiosidade que pretendo suscitar.

Por duas razões lhe chamo hipótese romântica: por se inspirar em pressupostos psicológicos, pessoais, muito subjectivos; e também por ter algo a ver com a atmosfera romântica em que se desenvolveu muito da propaganda e até da proclamação da República.

Uma época esta em Portugal, idêntica aquela em que, na Rússia, se expandiu a corrente niilista.

1. Tomado à letra, o niilismo é um ponto de vista de negação absoluta (nihil = nada), não relacionada com qualquer ideal positivo. É o ceptinismo absoluto; ou a doutrina que faz do aniquilamento o fim supremo da vida.

Mas num sentido mais lato, niilistas eram os revolucionários russos, ou certos revolucionários da segunda metade do século XIX, que lutavam contra o absolutismo czarista.

---

\* Congresso A Vida da República Portuguesa, 1890-1990, Lisboa, Outubro de 1991.

O verdadeiro niilismo terá sido um movimento filosófico e literário que floresceu no primeiro decénio depois da libertação dos servos na Rússia, em 1861.

Os primeiros niilistas influenciados pelo positivismo de Augusto Comte quiseram acabar com os preconceitos, as tradições, as ideias feitas, para tudo reconstruir sobre bases científicas. Negavam todas as obrigações impostas ao indivíduo pela sociedade, pela família e pela religião. Era uma atitude crítica face às convenções sociais e às tradições; caracterizava-se por um individualismo exacerbado e violento.

Nos anos 1870, o niilismo transformou-se em movimento político e irá acabar em parte ligado ao anarquismo. A confusão entre estes dois movimentos virá a ser maior depois do assassinato de Alexandre II (1881). A repressão, aproveitando esse pretexto, perseguirá uns e outros indistintamente.

O romancista Turgueniev (Ivan Sergervitch, 1818-1883) foi no plano literário o grande caracterizador e divulgador dos niilistas. Como observador do seu povo e crítico que era da sua época, registou nos seus livros (*Memórias de um Caçador*, 1862; *Pais e Filhos*, 1863, etc.) o fenómeno dessa tentativa de renovação de mentalidades.

No romance *Pais e Filhos* coloca um jovem niilista, acabado de formar em Medicina, face à sociedade do seu tempo, pelos anos de 1860: o «barbudo e cabeludo» Bazarov, «homem que nada respeita», tudo examina no ponto de vista crítico», «não se curva perante nenhuma autoridade», nem «admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça». A acção do romance procura captar o crepúsculo da economia rural tradicional, assente na exploração dos servos; e as primeiras manifestações do desenvolvimento capitalista, com um tipo de economia e uma nova atitude mental perante o trabalho livre. O choque de gerações é aí claramente documentado entre os moços acabados de sair da Universidade, e seus pais, alguns deles filhos de generais analfabetos das guerras anti-napoleónicas, proprietários agrícolas que chegavam a dispor de duzentos servos.

Onde o movimento niilista mais repercutiu foi na influência que teve sobre as mulheres, reconhecendo-lhes igualdade aos homens em todos os direitos. Nos primeiros anos, o niilismo entusiasmou mancebos e donzelas das mais aristocráticas famílias a trabalharem 15 horas por dia nas fábricas, nas oficinas e nos campos. Foi uma maré de libertação de preconceitos familiares e de dignificação do trabalho.

Depois das perseguições czaristas contra esta movimentação libertadora, o niilismo criou o ideal do mártir e do herói, e voltou-se mais para a táctica do terrorismo.

Tudo isto coincidiu aproximadamente com as primeiras manifestações

operadas na Rússia, que datam da mesma época: 1876 em Petesburgo e 1873, a criação da União dos Operários da Rússia do Norte.

Além de Turgueniev, também Leão Tolstoi («A próxima Revolução» trad. Portugal, 1908, 1828-1910) contribuiu para dar eco a essa nova mentalidade. É pela mesma altura, com efeito, que o autor da Guerra e Paz (1876) e da Ana Karenine (1877) renuncia em 1880 aos bens materiais e à sociedade, passando a viver na prática de uma moral cristã militante.

Acontece que ambos os romancistas, Turgueniev e Tolstoi, passaram a ser traduzidos em Portugal precisamente em 1897. Verifiquei isto através de uma busca que fiz nos ficheiros da nossa Biblioteca Nacional. Além destes dois autores, as mais remotas traduções que encontrei de autores russos em Portugal são também significativas: A Rússia Subterrânea, de Stepniak, editada em Lisboa no ano de 1882; e, a partir de 1885, traduções sucessivas de um autor que logo teve grande audiência entre nós: Pedro Kropotkine (1842-1921), o príncipe anarquista desde 1867. Foram bem conhecidas em Portugal as suas obras filosóficas e panfletárias, desde as Palavras de um Revoltado, à Moral Anarquista e à Conquista do Pão.

Temos assim uma boa suspeita de que, desde finais do século passado, começou a existir em Portugal um público especificamente interessado em ler autores russos. E estes foram, além do Stepniak da Rússia Subterrânea, o anarquista Kropotkine, o niilista Turgueniev, o moralista Tolstoi, estes dois utilizando com grande mestria o género romance, como notáveis romancistas foram também Dostoiewski (1821-1884) e Gorky (1868-1936), logo traduzidos entre nós na primeira década do nosso século.

2. A partir da hipótese que estes dados literários me sugerem sobre a influência de autores russos, acabei por encontrar a confirmação expressa dessa influência na pessoa de um ilustrado propagandista e deputado republicano português.

Trata-se de Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910), aluno que foi, e depois professor e mesmo director do Curso Superior de Letras de Lisboa; além disso sócio efectivo da Academia de Ciências, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, poliglota e recolector do folclore nacional. Enfim, um caso típico de republicano altamente cultivado, além de militante activo na Propaganda.

Consiglieri Pedroso ilustra-nos um caso muito concreto do fascínio que a Rússia e a sua literatura exercem em Portugal em finais do século passado.

Ele conta, a propósito de uma singular viagem que fez à Rússia em

1896, qual foi a génese dessa resolução, no seguimento dos seus anteriores estudos históricos e literários:

«Depois de ter lido algumas das principais obras das literaturas latinas e germánicas contemporâneas, sobretudo do género «romance», caiu-me um dia nas mãos por acaso a tradução francesa de alguns contos de Turgueniev, arrancados à colecção *Zapiski Okótника* (memórias de um caçador) que por essa época começava a sua carreira triunfal no ocidente, depois de na Rússia ter preparado a maior revolução deste século em terra eslava — a emancipação dos servos.

«A leitura dessas páginas foi para mim a inesperada revelação de um mundo novo. Mesmo através do disfarce de uma versão era tão original o sabor das pequenas histórias que compõem o célebre livro, de tal modo se apartava a sua contextura de tudo quanto até aí em matéria de ficção eu conhecia, que sofregamente devorei dum hausto toda a colecção, onde não sabia o que mais admirar — se a singeleza encantadora da forma que não tem igual em literatura alguma moderna, se a adorável simplicidade da narração, tão ingénua, tão casta, que parecia mal poder ser com amor compreendida por quem não aspirasse o perfume da sua pureza virginal».

A forte sensação do despertar deste primeiro contacto prossegue na pena de Consiglieri Pedroso: «Depois de Turgueniev foi Gogol; depois de Gogol, foi Doistoiowski; e depois foi Pushkin, foi Lermontov, foi Tolstoi, foram todos os autores russos enfim que por meio de traduções me podiam ser acessíveis. E sempre o mesmo encanto! Sempre a sensação nova de outras formas artísticas a darem corpo a outras ideias, a outros sentimentos, a outra vida, diferente daquela que, num palpitar cada vez mais débil, se vai pouco a pouco amortecendo nas gastas literaturas do ocidente».

Neste expressivo depoimento de Pedroso encontram-se testemunhados os factores de atracção pela literatura russa daquela geração de portugueses fim de século que nada tinha a ver, diga-se de passagem, com os decadentistas entre nós tão estudados: um novo estilo a dar «corpo a outras ideias, a outros sentimentos, a outra vida diferente». E «sempre o mesmo encanto!».

Foi a sedução pela descoberta de um povo que era tratado pelos seus literatos com uma nova escala de valores, tanto estéticos como sociais.

E isto acontecia exactamente com um republicano dos quatro costados, homem de ciência e de cultura, com uma posição proeminente na sociedade portuguesa.

3. Depois destas constatações sobre a influência da nóvel literatura russa em Portugal em finais di século passado, não será de todo

desatinado buscar no plano dos acontecimentos históricos outras similitudes. Pode fazer-se isto entre a revolução russa demo-burguesa de 1905 e alguns acontecimentos do final da monarquia entre nós.

A revolução russa de 1905, a primeira depois da Comuna de Paris 34 anos atrás, teve enorme repercussão no mundo, dando novo alento às aspirações de liberdade.

Precedida por um enorme alastramento de greves e protestos populares, começou no «domingo vermelho» (9 de Janeiro) a reclamar amnistia, liberdade, separação de poderes, as 8 horas de trabalho e o sufrágio universal. O czar Nicolau I acabaria cendendo parcialmente com a promessa de eleições (Junho) e a constituição de uma Duma ou parlamento (Outubro).

Em Julho deu-se ainda a célebre sublevação do couraçado Potemkine; e em Setembro, formou-se à revelia das autoridades o primeiro soviete em Petesburgo, com 562 deputados saídos de eleições de 147 fábricas, 34 oficinas e 16 sindicatos.

Seria o princípio do fim do czarismo.

Mas as eleições oficiais nunca foram directas nem respeitaram o princípio do sufrágio universal. E em 1907 a Duma acabaria por ser dissolvida e restaurado o absolutismo do czar.

Das influências que teve em Portugal tanto a revolução de 1905 como a contra-revolução de 1907 sabe-se alguma coisa. Houve no Porto e em Coimbra (como certamente também em Lisboa), comícios contra o czarismo e a favor da libertação de Gorki, o escritor expulso da Rússia, que em 1907 escreveu em Capri o célebre romance A Mãe.

Em Lisboa houve mesmo em 1906 (Abril) uma revolta de marinheiros no cruzador D. Carlos. Pela fúria da repressão que sobre eles se abateu, adivinha-se o pavor que se terá espalhado pela evocação, nove meses antes, da revolta no couraçado Potemkine.

Também o final do surto revolucionário na Rússia, em 1907 (Julho) faz lembrar o golpe de Estado do rei português D. Carlos, quando este dissolveu o Parlamento (10 de Maio) e deu início à ditadura de João Franco.

Aqui pode dizer-se semelhantemente que também a contra-revolução em Portugal deu início ao princípio do fim da Monarquia, com o Regicídio em 1908, este bem à moda dos atentados atribuídos na Rússia aos nihilistas, e a proclamação da República em 1910.

Não serão todas estas semelhanças significativas?

